



**“VAMOS TIRAR JESUS DA CRUZ”?  
PERSEGUIÇÕES A IMAGINÁRIOS DE CRISTO NA ARTE CONTEMPORÂNEA**

**“TAKING JESUS OFF THE CROSS?”  
ATTACKS ON CHRIST IMAGINARIES IN CONTEMPORARY ART**

Marina Lorenzoni Chiapinotto<sup>1</sup>  
Doutoranda PPGAV/ UFRGS

Sue Gonçalves de Mello<sup>2</sup>  
Mestranda PPGAV/ UFRGS

**RESUMO**

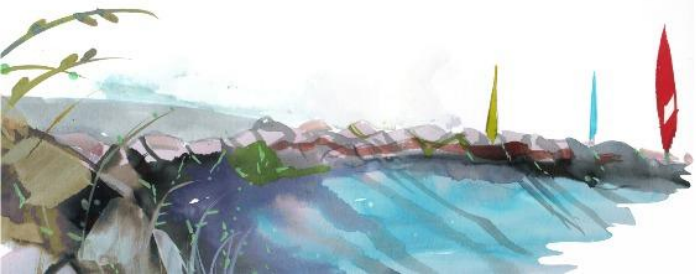
Este artigo propõe refletir acerca das representações da imagem de Jesus na arte contemporânea. A mola propulsora é o relato de experiência da autora deste texto sobre o registro da performance *Pregação* do Núcleo Artístico do *Bloco da Laje* no carnaval de 2025. A performance foi considerada, nos âmbitos político e jurídico, um ato de intolerância religiosa à fé cristã, assim como diversas obras, exposições, performances e apresentações teatrais que na última década foram perseguidas e censuradas no Brasil - conforme apresentado neste texto. As análises demonstram que tais atos são derivados da acentuação do autoritarismo da extrema-direita no país nos últimos anos.

**Palavras-Chave:** Arte Contemporânea. Imagem. Jesus Cristo. Censura. Vilipêndio Religioso.

**ABSTRACT**

*This article proposes a reflection on the representations of the image of Jesus in contemporary art. The starting point is the author's account of her experience documenting the performance *Pregação* by the Artistic Collective of *Bloco da Laje* during the 2025 Carnival. The performance was deemed, both politically and legally, an act of religious intolerance against the Christian faith—similar to several artworks, exhibitions, performances, and theatrical presentations that have been persecuted and censored in Brazil over the past decade, as discussed in this text. The analysis shows that such actions stem from the rise of far-right authoritarianism in the country in recent years.*

**KEYWORDS:** Contemporary Art. Image. Jesus Christ. Censorship. Religious Desecration.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

## Introdução

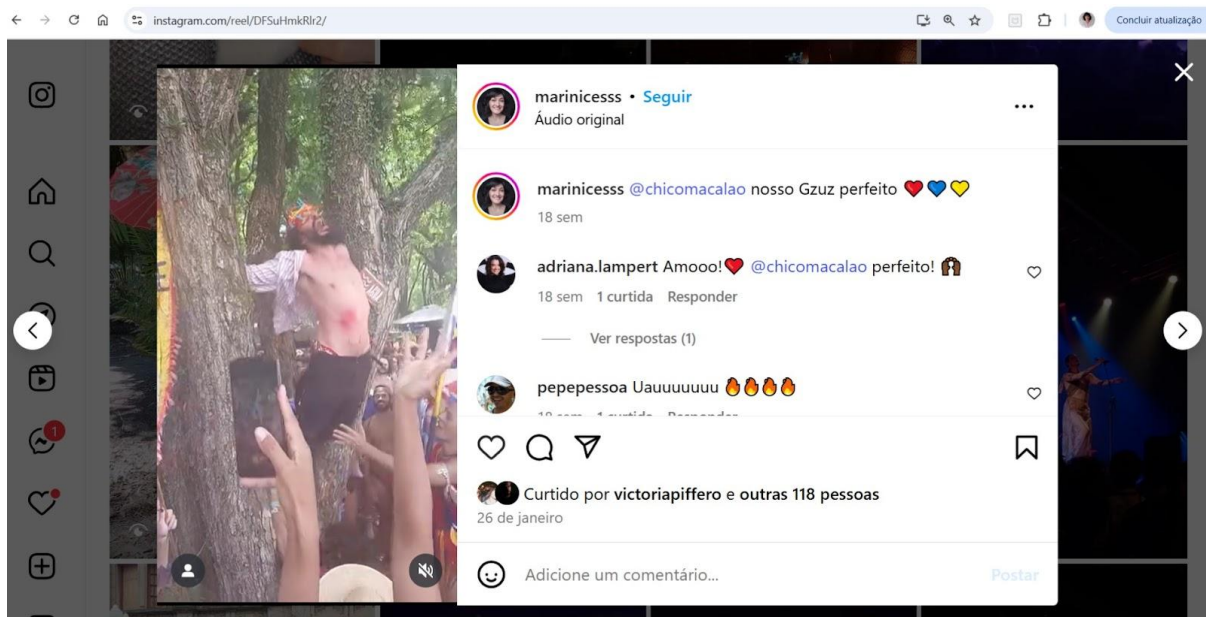
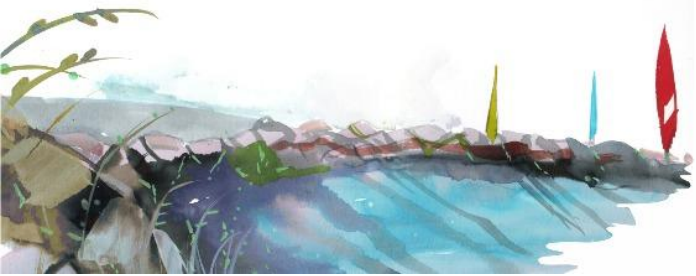


Imagem 1: print do vídeo da performance que o ator Chico Macalão interpreta Jesus da música *Pregadão* do *Bloco da Laje*. Carnaval 2025. Fonte: instagram da autora Marina Lorenzoni Chiapinotto, perfil @marinicesss

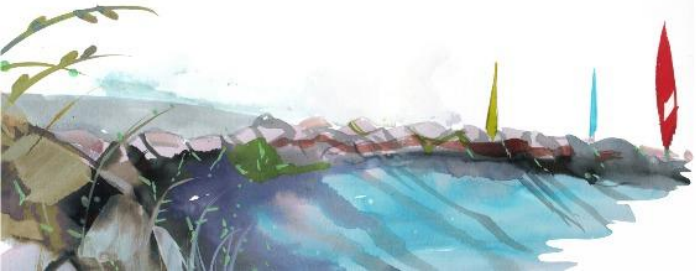
Era manhã de 26 de janeiro de 2025, mais um clássico último domingo de janeiro em que acontece a saída oficial do *Bloco da Laje* em Porto Alegre (RS). Me produzi<sup>3</sup> com as cores oficiais do bloco - vermelho, azul e amarelo - e caminhei até o Parque Marinha do Brasil com amigos. Dancei, me diverti, cantei, ri...e no meio desse belo cortejo fiz algumas fotografias e vídeos (assim como registro outros eventos e momentos que vivo no cotidiano), sem a intenção de que fosse uma produção de conteúdo jornalístico ou artístico e postei um desses vídeos<sup>4</sup> no meu perfil pessoal do instagram. Nesse vídeo (*imagem 1*), aparece a performance da marchinha intitulada *Pregadão*, cuja interpretação é do ator Chico Macalão: “*Porque eu tô pregadão / Eu tô pregadão, eu tô pregadão / Eu tô pregadão / Eu tô pregadão, eu tô pregadão / Vamos tirar, vamos tirar / Vamos tirar Jesus da Cruz [...]*”. Esse trecho é um dos principais momentos do *Bloco da Laje*, pois provoca verdadeiro êxtase dos carnavalescos durante a performance de Macalão: um homem comum, de calça e camisa social, com coroa de canudinhos plásticos, que faz um striptease e fica



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

somente de sunga. Este homem rebola livremente, já questionando a construção social de masculinidade. Na manhã do dia seguinte, acordo com inúmeras mensagens de amigos sobre a circulação do vídeo em posts de políticos, de influencers e de mídia da extrema-direita brasileira. As principais chamadas apontavam para intolerância religiosa do bloco porque Jesus se despia e ficava de sunga fio-dental. A viralização foi rapidíssima e repercutiu em âmbito regional e nacional tanto para mim quanto para o *Bloco da Laje*<sup>5</sup>. Vereadores e Deputados Estaduais e Federais das bancadas de extrema-direita denunciaram, no Ministério Público, intolerância e vilipêndio religioso da parte do Núcleo Artístico do *Bloco da Laje*. Uma das universidades onde lecionei mais de uma década publicou nota repudiando a autoria do vídeo e sugeriu que me demitiria para ceder às pressões de alunos da direita e por ser uma instituição religiosa. Uma semana depois, fui intimada na porta de casa por dois policiais num camburão, menos de 24h antes, para depor na Delegacia de Combate à Intolerância. Neste período, a repercussão midiática já havia se dissipado, mas foi tão pesada que precisei ser medicada para atravessar os dias mais difíceis. Na manhã seguinte, lá estava eu, acompanhada de advogado criminalista, para depor. Ao entrar na sala, havia duas escrivãs e uma delas conduziu o depoimento com algumas questões. A primeira pergunta foi sobre o que eu achava que representava Jesus naquela performance. Uma pergunta de ordem subjetiva que renderia uma tese de doutorado, mas cuja resposta precisava ser objetiva. Para mim, ao interpretar toda a letra da marchinha *Pregação*, Jesus representa o estrato social que historicamente sempre foi marginalizado, discriminado e perseguido, tal como mulheres, pretos, pobres e pessoas LGBTQIAPN+. “Vamos tirar Jesus da cruz” significa libertar, portanto, todas essas pessoas para que vivam livremente no mundo contemporâneo. Ou seja, ao meu ver, não caracteriza nenhum ato de intolerância religiosa. A escrivã também questionou sobre o fato de Jesus usar uma sunga fio-dental. Ora, vestir Jesus já foi um ato moralizante da própria história da arte, junto à igreja, que cobriu a sua genitália nas representações iconográficas, pois, na história bíblica, Jesus foi crucificado nu (tendo sido despojado de suas vestes pelos soldados antes da crucificação). Ao

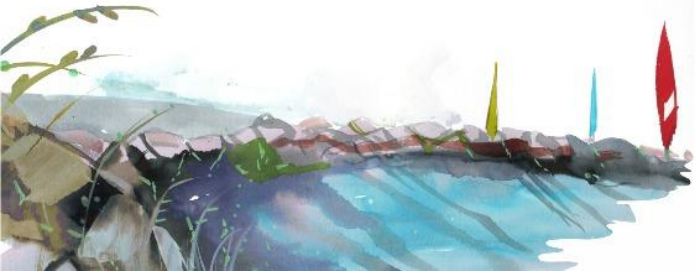


encerrar o depoimento, elas esclareceram que eu não estava indiciada criminalmente, o que me soaria absurdo se fosse o oposto, pois gravar um vídeo, em espaço público, de um carnaval autorizado pela Prefeitura da cidade, e publicá-lo em redes sociais, jamais caracterizaria algum crime. Já o Núcleo Artístico do *Bloco da Laje* está indiciado, o que demonstra o olhar deturpado da extrema-direita e a consequente censura que quer promover na produção artística, mesmo numa manifestação popular de arte como é o carnaval. Se o carnaval, com suas plurais expressões artísticas e como manifestação cultural popular, ao naturalizar o nu, o sensual, os corpos, tem uma performance de Jesus - supostamente gay, na leitura de alguns - censurada, o que ocorre com performances e obras de arte no âmbito de espaços legitimados das artes?

## **Um breve panorama das representações icônicas de Cristo na História da Arte**

A representação visual de Jesus nas artes levou vários séculos até atingir uma forma convencional para a sua aparência física, a qual se manteve em grande parte estável a partir de então. A maioria dos retratos de Jesus apresentam recorrências numa série de características, as quais hoje em dia são imediatamente associadas a Jesus, embora possam ser vistas diversas variações. A imagem de um Jesus de barba e de cabelos compridos só se tornou comum no cristianismo oriental a partir do século VI e, muito mais tarde, no Ocidente. Os primeiros retratos de Jesus eram muito mais diversificados, uma vez que demonstravam características étnicas semelhantes às da cultura na qual a imagem foi criada. A própria questão de ser ou não legítimo representar Jesus ou outras figuras santas foi controversa durante o cristianismo primitivo. A crença de que determinadas imagens são autênticas em termos históricos - como o Sudário de Turim na atualidade - é ainda evidente entre alguns crentes, sobretudo no cristianismo oriental, no anglicanismo e no catolicismo romano (Schöenborn, 2011).

Os mais antigos retratos conhecidos de Jesus, encontrados desde a Síria Palestina e datados de meados de 200, mostram-o como um jovem sem barba e de porte



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

autoritário e digno. Ele foi representado como figura de um jovem filósofo, com cabelo curto e vestindo uma túnica e pallium (indícios de boa criação na sociedade greco-romana). A partir disso, é evidente que alguns cristãos primitivos não prestaram atenção ao contexto histórico de Jesus ser judeu e, em seu imaginário, a representação está associada ao seus próprios contextos culturais e sociais, como uma figura quase heróica e atributos sobrenaturais (como um halo) (imagem 2).

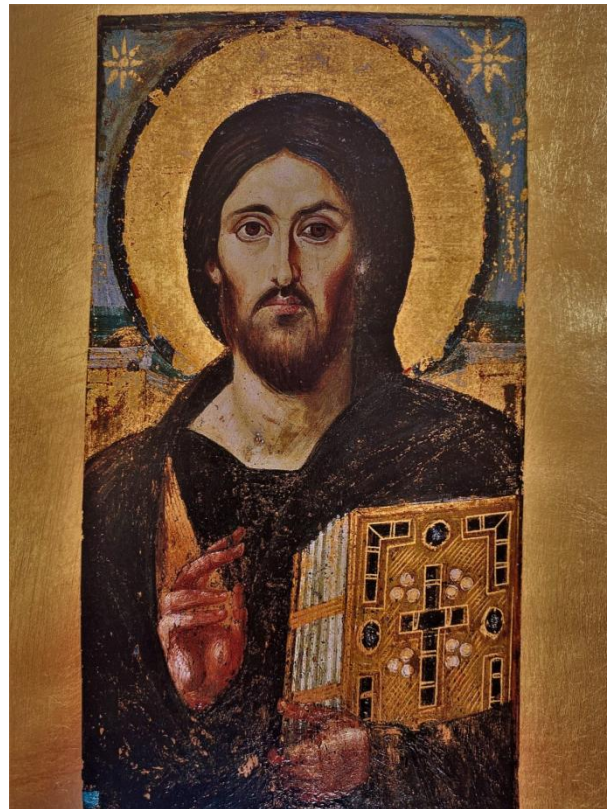


Imagem 2: *Jesus Pantocrator*, arte bizantina datada do século VI no Mosteiro de Santa Catarina. Fonte: Museu Mítico. Disponível em: <https://museumitico.com.br/departamento/cristo-pantocrator-monte-sinai-monasterio-de-santa-catarina/>

O *Pantocrator* foi retratado com a mão direita em posição de bênção (modo grego) e com dois dedos erguidos, o que indica a sua dupla natureza (divina e humana). Na mão esquerda Ele segura o Evangelho e o seu rosto tem os dois lados distintos, o que significa um lado que representa o Cristo juiz (que julga os pecadores) e outro lado do Cristo salvador (portador da graça e da misericórdia). Após essa representação bizantina onde temos o *Pantocrator* das representações



iconográficas mais canônicas de Jesus feitas pela História da Arte, podemos ressaltar que são diversificadas, variando desde cenas narrativas da vida de Cristo até representações mais abstratas e simbólicas. Ao longo dos séculos, Jesus evoluiu na arte de acordo com diferentes culturas e estilos de movimentos artísticos que influenciaram na sua iconografia. As representações mais comuns incluem a sua natividade, a sua crucificação, a sua Ressurreição, o Pantocrator, a Santa Ceia sendo o Renascimento um dos períodos que mais tornou icônica a sua imagem, tais como a *Pietà* de Michelangelo (imagem 3) e *A Última Ceia* (imagem 4) de Leonardo Da Vinci.

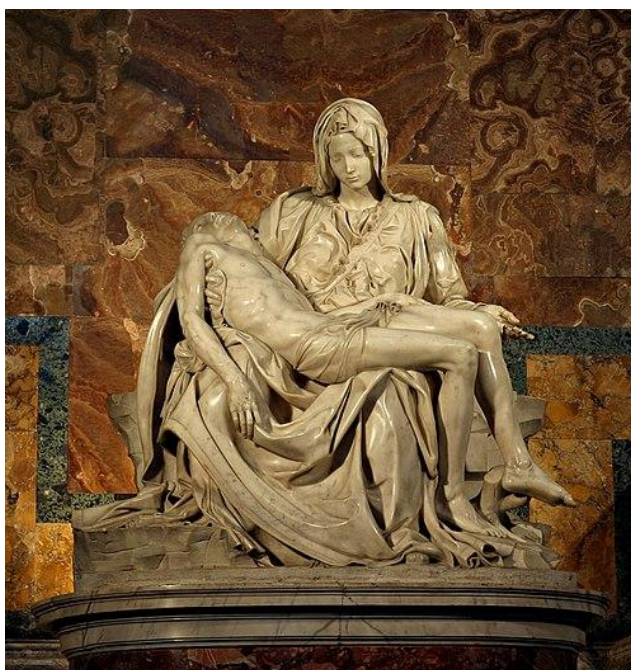


Imagem 3: *Pietà*, escultura em mármore do artista Michelangelo na dimensão 174x195cm, 1498, Basílica de São Pedro. Fonte: Google Imagens.

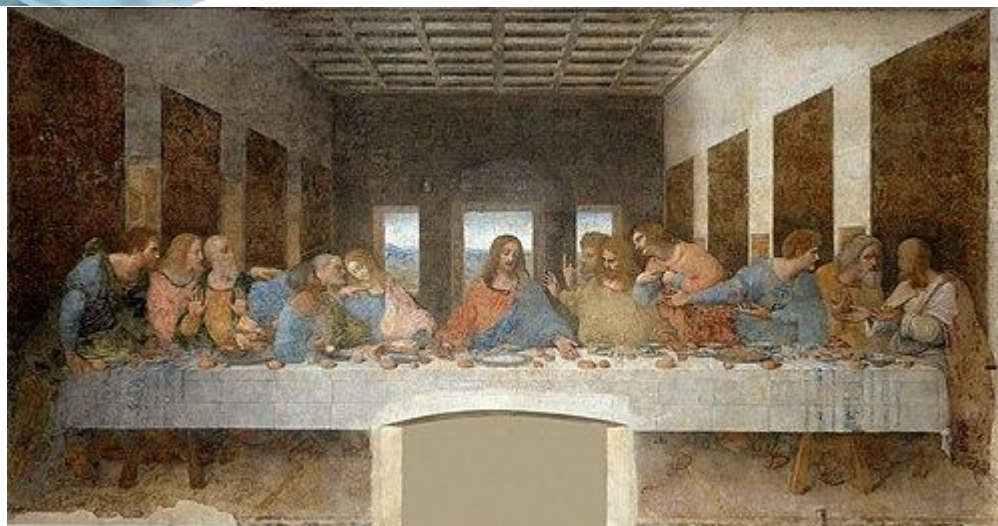


Imagem 4: A Última Ceia, pintura em óleo e têmpera sobre gesso do artista Leonardo da Vinci na dimensão 460x880cm, 1495-1497, Santa Maria delle Grazie. Fonte: Google Imagens.

*Pietà* representa a dor da Virgem Maria e, para imprimir delicadeza e resignação, Michelangelo utilizou a estratégia piramidal na composição e proporções da escultura tridimensional; neste sentido, Jesus é menor do que Maria e, assim, foi representado como seu filho morto em seus braços. Já *A Última Ceia* é uma pintura bidimensional de grandes proporções onde Jesus faz a última ceia com seus Apóstolos antes de sua prisão e crucificação. Na pintura, da Vinci deixa de fora muitos símbolos cristãos tradicionais e se centra nas expressões dos discípulos ao receberem a notícia de que um deles os trairia. Além da traição, a obra também carrega outros significados simbólicos, como a instituição da Eucaristia (pão e vinho) e a referência ao livro de Lamentações.

O Barroco foi um movimento que deu seguimento às representações de Jesus de acordo com o cristianismo, agregando dramaticidade com jogos de luz e sombra - como Giovanni Bellini em *Lamentação sobre o Cristo Morto* e Caravaggio em *A Incredulidade de São Tomé*. É fato que o Barroco consagrou as representações de sofrimento de Jesus em sua crucificação em inúmeras obras (Carvalho, 2022).

Após o Renascimento e o Barroco, será nos movimentos modernistas e contemporâneos que haverá mudanças na iconografia de Jesus. No Modernismo



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Europeu, Jesus passou a ser representado de forma crítica às tradições religiosas. A imagem do homem branco caucasiano passou a ser questionada e os artistas modernistas (como Salvador Dalí e Barbara Hepworth) exploraram isso em suas obras nos anos 1950. No Modernismo Brasileiro, a figura de Jesus foi abordada de diversas formas, desde representações mais tradicionais até interpretações inovadoras que desafiavam as iconografias religiosas convencionais. A obra *Senhor Bom Jesus da Cana Verde*, de Candido Portinari, no altar-mor da Capela da Nonna, retrata Jesus com traços familiares e populares em dois murais com pinturas em têmpera, buscando uma conexão com a realidade brasileira. *Sagrado Coração de Jesus*, de Tarsila do Amaral (imagem 5), representa Jesus com elementos cubistas no traço e com cores primárias. Na Arte Contemporânea, pensada de forma mais crítica e conceitual - e descolada da pintura como linguagem e expressão artística predominante -, é que as representações de Jesus passam a ganhar outras camadas e esferas de sentidos. Diversos artistas trabalham símbolos religiosos, tais como Márcia X (imagem 6), Laryssa Machada, Xadalu Tupã Jekupe, entre outros abordados no corpus deste artigo.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

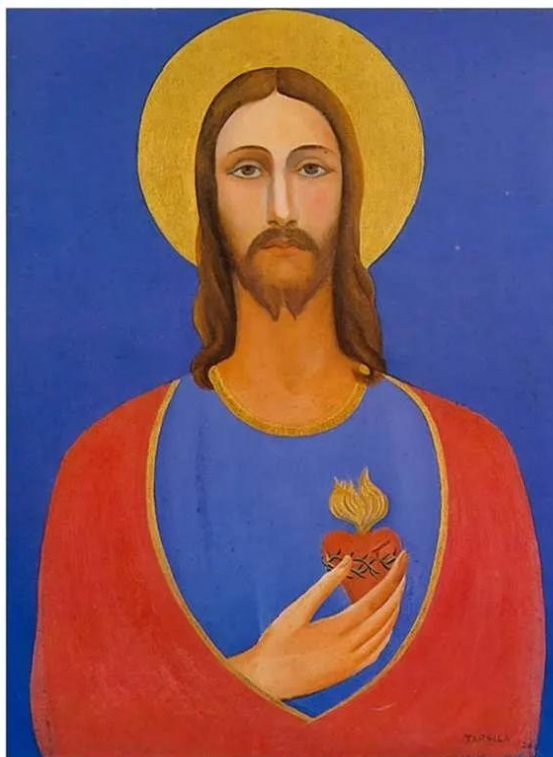
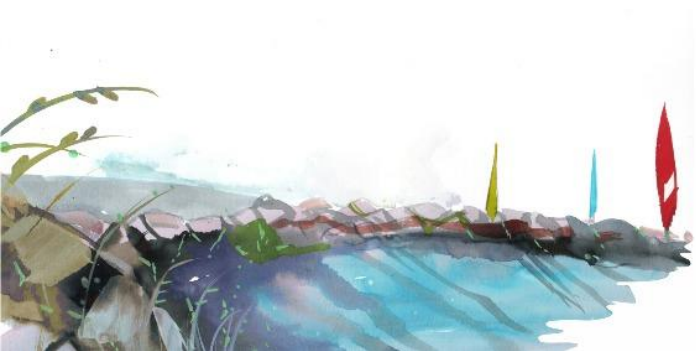


Imagem 5: *Sagrado Coração de Jesus*, óleo sobre tela na dimensão 106x73cm, da artista Tarsila do Amaral, 1926. Fonte: Google Imagens.



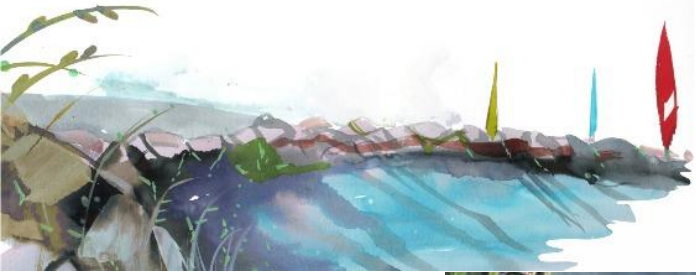
Imagem 6: *Desenhando com terços*, performance instalação da artista Marcia X, 2000-2001. Fonte: Google Imagens.



## **Um retrospecto da imagem de Cristo na última década da arte contemporânea brasileira**

A partir do *Observatório de Censura à Arte*, realizado pelo *Nonada Jornalismo* desde 2017, conseguimos afirmar que ao menos<sup>6</sup> 12,3% dos casos censurados nos últimos anos são derivados de obras e proposições que tentam repensar a imagem de Cristo de maneira crítica, social e na maioria das vezes sarcástica, o que ao olhar dos conservadores, acaba sendo traduzido como “vilipêndio religioso”. No Brasil, o artigo 108 do Código Penal de 1940, está escrito que “vilipendiar publicamente ato objeto de culto religioso” é configurado como crime. Porém, o que seria esse vilipêndio quando falamos em arte contemporânea e suas proposições de repensar a sociedade?

Ao observar a história recente das censuras que vem acontecendo no Brasil, temos o exemplo do encerramento precoce da exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, que aconteceu no Santander Cultural em Porto Alegre-RS, no ano de 2017. Entre as diversas denúncias infundadas que políticos vinculados ao Movimento Brasil Livre (MBL) fizeram sobre a exposição, que contou com a curadoria de Gaudêncio Fidelis, encontramos a questão do “vilipêndio religioso”, por causa das obras *Cruzando Jesus Cristo com Deusa Shiva* (1996) do artista Fernando Barrio (imagem 7), e *Et Verbum* (2011) de Antônio Obá (Imagem 8).



# extremos

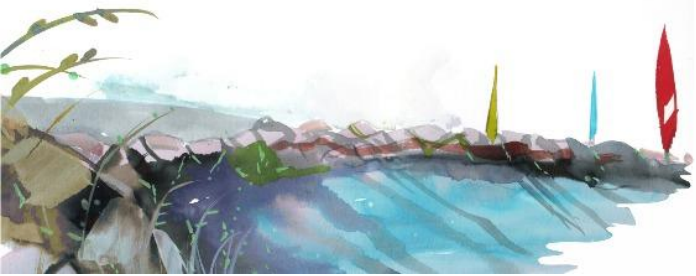
34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 7: Fernando Baril - *Cruzando Jesus Cristo com Shiva* (1996). Fonte: <https://revistahibrida.com.br/revista/edicao-2/segunda-chance-para-queermuseu/>



Imagem 8: Antonio Obá - *Et Verbum* (2011). Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/destaques-da-queermuseu-22981474>



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Quais seriam os desrespeitos dessas imagens aos olhos e percepções ideológicas desse conservadorismo? Na obra de Barril temos a representação explícita de Jesus misturado com a Deusa Shiva, mas é difícil ler a pintura no sentido de desrespeito a qualquer uma das duas religiões colocadas em questão. A obra parece representar o que já é comum na cultura brasileira: a comparação, mistura e sincretismo religioso (Mello, 2023). De acordo com a entrevista dada pelo artista a Gaúcha ZH em 2017:

Aquele quadro tem 21 anos. Era uma semana santa, e eu estava lendo sobre as santas indianas, então resolvi fazer uma cruz entre Jesus Cristo e a deusa Shiva. Deu aquele montarêu de braços carregando só as porcarias que o Ocidente e a Igreja nos oferecem. (Baril, 2017.).

Podemos pensar que a imagem incomoda por duas questões: a primeira seria a crítica explícita que o artista coloca ao dizer “só aquelas porcarias que o Ocidente e a Igreja nos oferecem”; a segunda seria a mistura com uma religião politeísta. Porém nenhuma dessas justificativas podem ser utilizadas como ato de vilipendiar a imagem de Jesus Cristo, pois não há nenhum desrespeito, apenas uma crítica e uma experimentação artística visual.

Na obra de Obá vemos o “vilipêndio” no ato do artista ter escrito partes e fluidos corporais com corante alimentício nas hóstias (corpo de Cristo). Obá apenas deixa explícito que Jesus era humano como todos que ainda estão vivos, com todas as partes do corpo, e fluidos corporais.

Ao analisar essas interpretações de “vilipêndios” podemos concluir que os “desrespeitos” cometidos pelos artistas foi “dar luz” a questões que geralmente são “retiradas de cena”. Isso é: os artistas cometeram uma obscenidade ao colocar algo que o sistema político-religioso tem medo, receio, ou talvez, até vergonha de refletir, em cena. A reação de denúncias, censuras e perseguições demonstram esse medo da perda de controle por parte da classe hegemônica dominante.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

O espetáculo teatral *O evangelho segundo Jesus, rainha do céu* foi outro caso que se tornou emblemático dentro desse histórico recente. A peça consiste em um monólogo interpretado pela atriz e ativista Renata Carvalho que aborda passagens bíblicas por um viés contemporâneo que reflete temas como intolerância e respeito às diferenças. O espetáculo foi denunciado por vilipêndio em várias cidades em território nacional. Além disso, foi proibido de ser exibido em Jundiaí-SP e Garanhuns-PE entre 2017 e 2018. Nas palavras da diretora da peça Natalia Mallo:

O texto é baseado em uma mensagem de humanidade, proteção da vida e de como coletivamente é possível pensar em um mundo igualitário. A peça sonha com isso, perdoa a todos, é fundamentalmente cristã. Sem falar na interpretação de Renata, que é fantástica. Esses ataques vêm escancarar todo o preconceito. Eu aproveito e faço esse convite para quem critica: vem ver qual a ofensa na peça, qual a ofensa em ser travesti? Do nosso ponto de vista, não há nenhum. (Mallo, 2018)

Na entrevista cedida para o Diário de Pernambuco em 2018 a diretora deixa explícito o motivo pelo qual a peça, e a atriz do monólogo estavam sendo perseguidas: Jesus nunca poderia ser travesti aos olhos conservadores. Porém, novamente o desrespeito e a intolerância sobre outras visões de mundo, se dá justamente por aqueles que estão denunciando artistas e pesquisadores por vilipêndio e intolerância.

De acordo com o artista Waldírio Castro (2023), desde 2016 as obras de arte são utilizadas como plataformas políticas para benefício de grupos conservadores que, a partir de estratégia de descontextualização de imagens e textos pelas redes sociais, unidos às *fake news* da época, se deu início à uma verdadeira “caça às bruxas” no meio artístico e cultural nacional.

[...] podemos destacar que além da utilização de obras de arte como plataforma política para benefício de grupos conservadores, podemos identificar um *modus operandi* que consiste na divulgação de imagens de determinados trabalhos artísticos, na maioria das vezes retiradas de contexto, e compartilhadas por pessoas que sequer viram a obra. (Castro, 2023, p. 67).



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Outro caso que gerou certa repercussão foi o do desfile da escola de samba Estação Primeira de Mangueira em 2020. A escola carioca teve como temática de seu samba-enredo *A verdade vos fará livre*, que tinha como objetivo representar a vida de Jesus de maneira crítica e contemporânea. Aquele pensamento já comum entre os subalternos: como seria Jesus se vivesse hoje? Um propagador do ódio à diferença, junto com os detentores do poder? Ou seria justamente a pessoa causadora desse ódio? Não seria Jesus um homem negro periférico? (Imagem 9) Ou quem sabe uma mulher? (Imagem 10) Que tal uma travesti? Um indígena? Talvez um funkeiro das favelas do Rio de Janeiro, que é visto como criminoso por conservadores elitistas? A mensagem que se passava era explícita: *Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher / Moleque pelintra no buraco quente / Meu nome é Jesus da Gente*.



Imagem 9: Desfile da escola Estação Primeira da Mangueira com o enredo *A verdade vos fará livre* (2020). Fonte: Google Imagens.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 10: Evelyn Bastos (rainha de bateria) no desfile da escola Estação Primeira da Mangueira com o enredo *A verdade vos fará livre* (2020). Fonte: Google Imagens.

Após o desfile diversos políticos, novamente integrantes do que chamamos de extrema direita hoje, quiseram denunciar a escola por vilipêndio religioso, pois teriam ofendido os cristãos com as representações que faziam uma crítica direta aos evangélicos e neopentecostais, que junto ao presidente da república naquele momento, propagavam (na verdade ainda propagam) ódio e intolerância aos marginalizados, em nome de Deus e Jesus Cristo, deturpando boa parte dos mandamentos escritos no novo testamento bíblico.

Além dos casos citados, ainda há mais dez casos mapeados pelo *Observatório de Censura à Arte*. Também há diversas outras situações e casos de perseguições e censuras que ocorreram, e ainda estão ocorrendo, em âmbitos mais localizados e regionais, que não ganham um alcance midiático nacional. Agora, ano de 2025, estamos começando a nos preparar para mais uma eleição a nível federal e estadual, e devemos ficar atentos às obras e manifestações artísticas que voltarão a ser focos de observação e perseguição por parte dos políticos de extrema direita



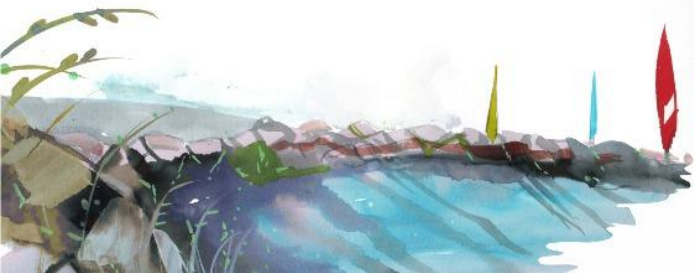
oportunistas. Pois como já mencionado, perseguir e causar polêmicas com manifestações artísticas, acabou se tornando uma estratégia de impulsionamento midiático dessas figuras políticas que desejam ser eleitas.

## **Considerações (ou provocações?) finais**

Não é a primeira e nem será a última vez que teremos relatos de artistas e pesquisadores dizendo que estão sendo indiciados, perseguidos, cancelados ou censurados por “vilipendiarem” imagens religiosas cristãs. *Pregação* é uma performance que acontece há quase dez anos nos espetáculos do Núcleo Artístico do *Bloco da Laje* e também no carnaval do bloco, cujas saídas oficiais são uma vez ao ano. Pautados pela história e filosofia da arte, pelo arcabouço teórico-metodológico queer e pelos pensamentos que atravessam os campos político e artístico, constituímos o instrumento para que pudéssemos analisar as representações de Jesus e como elas repercutem e causam afetações na estrutura social e política.

A partir de um breve retrospecto realizado neste artigo, pudemos perceber que, na história da arte e na história das exposições, as imagens de Jesus não causavam polêmica porque os artistas os representavam de acordo com o ideal cristão. Outrossim, há um expressivo número de obras icônicas que foram encomendadas e, como era de se esperar, os artistas seguiram a cartilha - ou melhor, os preceitos bíblicos.

No entanto, se observarmos os casos atuais que foram apresentados ao longo deste texto, é possível perceber que é no cenário da Arte Contemporânea que a arte passa a ser questionadora, pensada de forma mais crítica e conceitual e é neste contexto que as representações de Jesus passam a ganhar outras camadas e esferas de sentidos. A partir das reflexões e das análises, também percebemos como os significados políticos que são postos em jogo - através das repercussões midiáticas - não existem apenas nas narrativas, mas também nos modos de dar a ver os corpos (Butler, 2018) e os símbolos religiosos.



A partir do breve retrospecto realizado neste artigo, observamos que as censuras ocorridas na arte contemporânea - especialmente nas últimas décadas no Brasil -, no que toca as imagens religiosas cristãs utilizadas de forma questionadora, começaram a ser vistas como obscenas. Isso é, são imagens, abordagens ou representações que devem estar e/ou permanecer “fora da cena”. Ao cometerem essa obscenidade (dar luz à o que está fora da cena) provoca-se uma reação dentro das estruturas de poder hegemônicas, que se apresentam de forma agressiva e violenta. Isso implica em perseguições físicas e virtuais aos artistas, curadores, produtores, performers e pesquisadores, que ousam mostrar o que deveria estar escondido, ou questionar aquilo que abala as estruturas sistêmicas de poder.

O atual cenário de bipolaridade política vem aflorando o passado autoritário do país, o que desencadeou esses diversos episódios de censura e repressão por parte da extrema-direita. O que não podemos é nos calar. Todos artistas e envolvidos no sistema das artes que estão sendo crucificados por suas produções precisam cantar juntos: “Vamos tirar Jesus da cruz”.

## Referências

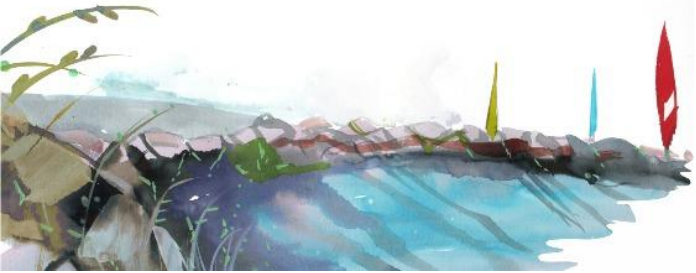
Após censura, O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu será encenado nesta sexta. Diário de Pernambuco, 25 de jul de 2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/07/espetaculo-o-evangelho-segundo-jesus-rainha-do-ceu-sera-apresentado-n.html>. Acesso em: 01/06/2025.

BUTLER, Judith. *Corpos em Aliança e a Política das Ruas*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira: 2018.

CARVALHO, Edvaldo. *Jesus na História da Arte: As representações artísticas do Cristo ao longo do tempo*. eBook, 2022.

CASTRO, Waldirio Oliveira. *Entre a reimaginação e a desimaginação: perspectivas queer nas artes contemporâneas cearense*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes. Fortaleza, 2023.

FOSTER, Gustavo. "Queermuseu": quais são e o que representam as obras que causaram o fechamento da exposição. *Gaúcha ZH*, set de 2017. Disponível em:



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2017/09/queermuseu-quais-sao-e-o-que-representam-as-obras-que-causaram-o-fechamento-da-exposicao-9894305.html>.

Acesso em: 01/06/2025.

GONÇALVES, Sue. Uma pesquisa obscena: cena sobre a censura e as ressalvas em exposições de Porto Alegre. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Curso de História da Arte, Porto Alegre, 2023.

MILZ, Thomas. A polêmica em torno do Jesus negro da Mangueira. Uol Notícias, 19 de fev de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/02/19/a-polemica-em-torno-do-jesus-negro-da-mangueira.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 05/06/2025.

MUELLER, Andressa. Corpo, Carnaval e Rua: A Performance queer no Bloco da Laje e o Direito à Cidade. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/271505> Acesso em 28 de maio de 2025.

NONADA JORNALISMO. Observatório de censura à arte. Disponível em: <https://observatoriodacensura.com.br/>. Acesso em: 05/06/2025.

SCHÖNBORN, Christopher. God's human face: the Christ icon. eBook, 2011.

## Notas

---

<sup>1</sup> Inserir minibiografia de no máximo cinco linhas de cada autor/a, justificado, espaçamento simples, Fonte Arial. URL do currículo Lattes e/ou ORCID\* (com a respectiva URL). Graduada em Jornalismo pela Universidade Franciscana (UFN), Especialista em Projetos de Mídia (UFN) e em Práticas Curatoriais (UFRGS), Mestre em Comunicação (UNISINOS) e Doutoranda em Artes Visuais (UFRGS). Tem experiência na área de Fotografia, com pesquisas que versam sobre imagens de tragédia e violência, leciona Fotografia e é artista visual cujos projetos autorais derivam de diferentes questões acerca da urbe. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3672-0549>.

<sup>2</sup> Bacharel em História da Arte pela UFRGS e Mestranda em História, Teoria e Crítica de Arte pela mesma instituição. Além disso, atua como Crítico e Curador de Arte Independente e, atualmente, é Produtor na Casa de Cultura Mario Quintana. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5970-7568>

<sup>3</sup> Relato em primeira pessoa do singular, pois é da autora deste texto, Marina Lorenzoni Chiapinotto.

<sup>4</sup> Link do vídeo: <https://www.instagram.com/reel/DFSuHmkRlr2/>.

<sup>5</sup> ver em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sul/rs/performance-de-jesus-de-fio-dental-em-bloquinho-do-rs-gera-polemica-veja/>.

<https://www.metropoles.com/colunas/paulo-cappelli/jesus-de-calcinha-provoca-revolta-e-faz-universidade-receber-cobranca>.

<https://www.youtube.com/watch?v=JSApJ1GPVRE>.

<sup>6</sup> O Observatório realiza seus mapeamentos, em maioria, a partir de casos que são enviados pelos próprios artistas ou pesquisadores que estão sendo restringidos. Além dessa forma, também encontramos alguns casos que tiveram uma grande mídia nacional e que ficaram sob conhecimento de todos. Porém, ainda há uma diversidade de casos que aconteceram desde 2017 que não estão em seu mapeamento.